

A assistência à saúde da pessoa gorda: do direito ao cuidado**Health Assistance to the fat person: from the right to care****Asistencia sanitaria de la persona gorda: del derecho al cuidado**

Claudia Valéria Cardim da Silva¹; Ana Clara Silva Nogueira²; Evelyne Florido Lobato Cavalcante³; Julliana Ayres⁴; Livia Cardoso Gomes Rosa⁵; Jorginete de Jesus Damião⁶

Introdução

A obesidade é caracterizada como uma doença crônica não transmissível (DCNT) de etiologia multifatorial, que envolve aspectos biológicos, históricos, ecológicos, políticos, socioeconômicos, psicossociais e culturais. Os níveis crescentes da obesidade nas últimas décadas têm indicado sua relevância como um problema de ampla magnitude e prioridade global, face seu impacto para a saúde e qualidade de vida. Neste sentido, diversas estratégias de prevenção e cuidado têm sido propostas, no Brasil e no mundo.

No entanto, estigmas e preconceitos contra a pessoa gorda têm sido observados em profissionais de saúde, no curso deste cuidado. Os profissionais tendem a apresentar pouca escuta e a abordar o excesso de peso como um problema gerado e mantido pelo indivíduo, associando toda queixa ou problema de saúde à obesidade, sem investigar outros fatores que possam interferir nas suas condições de saúde.¹ Esse olhar pode potencialmente se refletir na hesitação dos profissionais para tratar a obesidade, podendo desencadear atitudes gordofóbicas e consequentemente, pouco acolhedoras na dinâmica do cuidado¹.

A gordofobia é denominada como uma forma de discriminação estruturada e disseminada nos mais variados contextos socioculturais, consistindo na desvalorização, estigmatização e hostilização de pessoas gordas e seus corpos.⁽²⁾ Em contraposição à ordem normativa do corpo, o ativismo gordo busca confrontar os estigmas, inserindo esses indivíduos nos espaços sociais e buscando melhorar sua

¹ Nutricionista; especialista, mestre em Saúde Coletiva pela FIOCRUZ; doutora em Saúde Coletiva pelo IMS/UERJ; Professora Associada do Dto de Nutrição Social/Inst. de Nutrição/Universidade do Estado do Rio de Janeiro (DNS/INU/UERJ). E-mail: claudiavaleria.cardim@gmail.com. Telefone: (21)99442-2000. Endereço: R São Francisco Xavier, 524. Sala 12008 E.- CEP 20550-900. (endereço para correspondência); <https://orcid.org/0000-0003-4939-5106>

² Graduanda em Nutrição do INU/UERJ. E-mail: anaclarasnz@gmail.com

³ Nutricionista; especialista em Gestão da Política Nacional de Alimentação e Nutrição; Doutora em Saúde Pública; Professora substituta do DNS/INU/UERJ. E-mail: evelyne.lobato@gmail.com

⁴ Graduanda em Nutrição do INU/UERJ. E-mail: jullianayres@gmail.com

⁵ Nutricionista, Especialista em Saúde da Família, Mestre em Saúde Pública, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Alimentação, Nutrição e Saúde (PPGANS) do INU/UERJ. Integrante da equipe PEO-ERJ - INU/UERJ. Apoiadora técnica da gestão da Atenção Básica no município de São Gonçalo. E-mail: liviagc.rj@gmail.com

⁶ Nutricionista; mestre em Saúde Coletiva pela FIOCRUZ; doutora em Saúde Coletiva pelo USP; Professora Associada do DNS/INU/UERJ. E-mail: jjdamiao@yahoo.com.br. [orcid 0000-0001-6591-3474](https://orcid.org/0000-0001-6591-3474)

qualidade de vida². Nos últimos anos, tem sido crescente o ativismo gordo digital em diferentes plataformas, onde destaca-se, entre as de maior expressão, a plataforma *YouTube*.

Compreender as narrativas levantadas pelo movimento ativista gordo pode contribuir para pensar caminhos que visem convidar os profissionais de saúde à reflexão e a empreender abordagens mais humanizadas no cuidado aos indivíduos com obesidade. O objetivo do presente estudo é analisar os discursos de canais do ativismo digital contra a gordofobia, tomando como foco a percepção sobre temas relacionados ao cuidado em saúde.

Métodos

Trata-se de estudo qualitativo que se constitui em uma pesquisa no ambiente digital. Este integra dois projetos de Iniciação Científica realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e denominados “Trajetória e gestão do cuidado das pessoas vivendo com obesidade e sobrepeso em um município da região metropolitana do estado do Rio de Janeiro” e “Estratégias de Prevenção e Cuidado à Obesidade no SUS”, onde o estigma e as representações relacionadas à obesidade contemplaram um dos eixos priorizados na sua matriz analítica inicial.

Foi escolhido como locus de análise a plataforma digital *YouTube* por meio de canais ativistas que disseminavam conteúdos cujo eixo temático abordava a gordofobia. Para a interpretação dos dados foi utilizada a análise temática, segundo proposta de Braun e Clarke (2006)³, a fim identificar os temas emergentes nas narrativas presentes nos vídeos. A extração de dados foi realizada por meio da ferramenta *YouTube Data Tools*, que permitiu a extração das seguintes informações para cada canal: listagem nominal de vídeos, descrição sumária do tema abordado (sinopse), número de seguidores inscritos, total de “likes”, comentários e rede de conexões. Este levantamento selecionou 43 vídeos lançados entre janeiro de 2017 e maio de 2019, onde foram selecionados, a partir da identificação e análise dos títulos e sinopses dos vídeos, aqueles que faziam menção às dificuldades vivenciadas pela pessoa gorda em seu cotidiano e temas relacionados à reivindicação de direitos, onde poderia incluir o acesso aos cuidados de saúde.

O material inicialmente coletado foi lido, sendo possível a identificação de citações constantes e presença mais expressiva de três canais: “Mundo Gordelícia” (506.052 inscritos); “Alexandrismos” (441.197 inscritos), e “Bernardo Fala” (54.367 inscritos). Estes tratam de temas voltados à autoaceitação do corpo, autoestima, cotidiano das relações amorosas, trabalho, posicionamento de celebridades sobre o tema, notícias que ganham a atenção da mídia, estigmas contra a pessoa gorda e saúde mental. Os vídeos foram transcritos na íntegra, sendo registrados também os recursos de som e imagem utilizados. Após a transcrição, iniciou-se uma análise detalhada do texto, buscando, em



cada vídeo, a nomeação de temas e subtemas com pautas reivindicatórias e de direitos da pessoa gorda, sendo separados trechos das falas correspondentes. Para este estudo, foram priorizadas as narrativas relacionadas à percepção e vivência do cuidado em saúde, temática centralizada no canal “Bernardo Fala”.

Resultados

As narrativas denotam, de maneira geral, abordagens autoritárias, de culpabilização e de intervenção sobre os corpos gordos que podem interferir na atuação dos profissionais de saúde, assim como na oferta de cuidado.

As falas que descrevem o sofrimento e diferentes formas de violência simbólica na relação com os profissionais de saúde relatadas nos canais, trazem um elenco de situações que envolvem posturas gordofóbicas impingidas na sua vivência nos serviços de saúde. Estas embasam outras situações de violência e constrangimentos causados por profissionais de saúde em diversos momentos dos vídeos analisados.

Na primeira consulta esse médico já me fez uma conta dizendo que provavelmente minha vida só duraria mais ou menos uns 10 anos a mais (...) para tentar me convencer a fazer (a cirurgia bariátrica) e começou a me dizer outras coisas absurdas: “sua vida vai ser muito mais feliz”; “você não vai ter problemas para comprar roupa”; “você vai poder fazer o que você quiser”; “você vai poder namorar”, essas coisas que a gente, como pessoa gorda, deveria poder fazer normalmente.

A fala anterior mostra, no relato do Bernardo, o discurso do profissional de saúde na intenção de convencê-lo a realizar o procedimento da cirurgia bariátrica. Na descrição percebe-se o olhar do profissional de saúde para as pessoas que vivem com obesidade como pessoas não atrativas, sem possibilidade de ocupar um espaço social e ter uma vida plena.

A culpabilização das pessoas por sua condição também esteve presente nas experiências de cuidado em saúde, denotando uma imagem do profissional de saúde pouco acolhedora e que afasta os indivíduos da exposição a uma oferta de cuidado que considera negativa.

Muita gente gordofóbica acha que as pessoas gordas são relaxadas, que elas não querem cuidar da saúde delas, que elas não estão nem um pouco



interessadas se elas estão doentes ou não, só que essas pessoas, elas não têm ideia de que médico é uma coisa que pessoas gordas conhecem muito bem. Só uma pessoa gorda sabe o quanto é traumatizante você precisar ter que ir ao médico. Muito provavelmente essas pessoas já foram a diversos médicos e a experiência nunca foi positiva.

Os ativistas denunciavam não apenas as diferentes formas de violências, constrangimentos e ameaças, mas também enfatizam o pouco preparo desses profissionais em lidarem com essa condição e a iatrogenia causada pelas diferentes intervenções, que reforçam a adoção de dietas restritivas, o uso de medicamentos para emagrecimento e seus efeitos sobre a piora das condições de saúde da pessoa gorda.

E aí, é lógico, que em algum momento, os médicos já não sabiam o que fazer e me mandaram fazer bariátrica, né? Porque essa é a solução que eles dão, depois de acabarem com o teu corpo, eles falam ... “agora opera, porque essa é a única maneira de você sair disso”. Como se eu não tivesse chegado ali, exatamente, por tudo aquilo que eu fiz durante todos esses anos.

O relato a seguir refere-se a uma influenciadora digital interessada em fazer uma mamoplastia, entrevistada em um vídeo do canal *Bernardo Fala*.

... do nada quando tirei a roupa pra fazer a avaliação, ele (o cirurgião) começou a me rabiscar inteira e apresentou a oportunidade de fazer a lipoaspiração... acabei me rendendo e fiz.

Os relatos trazem de forma reiterada o “viés do peso” interferindo na pouca escuta dos profissionais quanto às reais necessidades desses indivíduos. Por que a lipoaspiração foi proposta, se esta não era a demanda? Este episódio explicita a forma de operar do biopoder, capilarizado nas abordagens dos profissionais de saúde no cuidado à pessoa gorda⁴. O corpo gordo é um território onde todos mandam, menos a própria pessoa gorda. Contudo, é esta quem recebe o ônus e a culpabilização pela sua condição.

Conclusão



As vivências relatadas permitiram trazer a realidade de uma estrutura do cuidado à saúde que não cabe o corpo gordo. O estigma se torna o cerne da negligência à saúde da pessoa gorda pela ausência de sensibilidade e interesse por parte do sistema de saúde como um todo às diferentes questões relacionadas à vida daquele indivíduo, que não se resume ao seu estado nutricional ou a sua composição corporal. Enquanto os olhares estiverem enviesados pelas lentes da gordofobia e da lipofobia estruturais, normativas perpassadas por ideais estéticos e construções sociais, as práticas de cuidado continuarão sendo marcadas por abordagens autoritárias, de culpabilização e de intervenção sobre os corpos gordos pelos profissionais de saúde.

Referências

1. Rubino, F. et al. Joint international consensus statement for ending stigma of obesity. *Nature Medicine* 2020; 26, 485-497.
2. Arandas, L. P. R. Por dentro da hashtag Corpo Positivo: ciberativismo e emergência de uma nova visão do corpo nas redes sociais da internet. Trabalho apresentado no quadragésimo segundo Encontro Anual da ANPOCS, 2018, Outubro 22-26. Minas Gerais, Brasil.
3. Braun, V.; Clarke, V. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research. Psychology*. 2006; 3(2):77-101.
4. Foucault, M. Nascimento da biopolítica. São Paulo: Martins Fontes, 2008.